

“A erupção no Fogo é um aprendizado extremamente importante para as instituições, desde logo no próprio relacionamento com as vítimas, as formas de alerta, no caso de uma primeira evacuação e de como criar essa cultura de segurança em Cabo Verde”, assevera a Ministra da Administração Interna, Marisa Morais, ao fazer o balanço do primeiro mês da erupção vulcânica na ilha do Fogo. Para a governante, ainda há aspectos a melhorar, nomeadamente a articulação entre as instituições. “É claro que haverá, vários aspectos a melhorar, já que este é o primeiro teste real ao plano de contingência e de emergência para as erupções vulcânicas e temos uma forte convicção de que o país tem as condições para melhorar essa resposta”, afirma. Marisa Morais elogiou ainda o trabalho no terreno do Serviço Nacional da Protecção Civil (SNPC), que, na sua opinião, conseguiu responder “muito rapidamente” nas várias dimensões naquela que foi a “primeira vez” que viu os seus planos testados “na realidade”. Por seu turno, o geofísico Bruno Faria revelou à RCV que, um mês após o seu início, a quantidade de lava que está a ser expelida pelo vulcão é muito reduzida, na ordem dos 10 por cento, comparativamente com os primeiros dias, quando a taxa foi de 20 metros cúbicos por segundo. O técnico do Instituto Nacional da Meteorologia e Geofísica (INMG) indicou que os dados apontam apenas para “probabilidades”, pelo que ainda não se pode avançar com uma precisão sobre o fim da erupção. A erupção vulcânica na ilha do Fogo, iniciada a 23 de Novembro, já consumiu duas localidades de Chã das Caldeiras (Portela e Bangaeira) e destruiu mais de 30 por cento dos 700 hectares de terra cultivável, entre outras infra-estruturas, mas não provocou vítimas. Os cerca de 1.500 habitantes das duas povoações foram retirados de Chã das Caldeiras e grande parte deles está instalada em três centros de acolhimento no norte e sul da ilha do Fogo.